



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Ciências da Saúde

# Um Olhar Psicanalítico Sobre a Identidade de Género

**Tiago André Pereira Marques**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Medicina**  
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Dr. Jorge Alberto Falcão Cabral Barbosa  
Co-orientador: Dr. Victor Manuel Sainhas de Oliveira

Covilhã, Maio de 2016

# Dedicatória

À minha família.

*“ A mãe é eterna, o pai imortal. “*

(Mia Couto)

## Resumo

Durante o 6º ano do curso de Medicina desenvolvi esta Dissertação de Mestrado que, no âmbito do bloco do mesmo nome, consiste numa monografia e tem como título “Um Olhar Psicanalítico sobre a Identidade de Género”. Com base no título da dissertação, os objetivos passarão por apresentar a abordagem da Psicanálise, bem como de alguns dos seus pioneiros, à construção da identidade de género pelo indivíduo e, ao mesmo tempo, expor as tentativas de explicação psicanalítica das alterações a esta identidade, que resultam em conceitos tão atualmente discutidos como transsexualidade e transgénero, por exemplo; as quais serão discutidas ao longo desta dissertação, sob um olhar psicanalítico sobre a identidade de género.

## Palavras-chave

Psicanálise; Identidade de Género; Identidade Sexual.

## **Abstract**

During the sixth year of medical school, i developed a Master's Thesis that, under the same name's block, consists of a monograph titled "A Psychoanalytic Look on Gender Identity". Based on the title of the dissertation, the objectives will cover the Psychoanalysis' approach and some of its pioneers, the construction of gender identity for the individual and, at the same time, expose attempts to psychoanalytic explanation of the changes to this identity that result in concepts as currently discussed as transexuality and transgender, for example; which will be discussed throughout this dissertation, from the point of view of a psychoanalytical study on gender identity.

## **Keywords**

Psychoanalysis; Gender Identity; Sexual identity.

# Índice

Introdução.....	1
Metodologia .....	3
Capítulo 1 .....	4
O Contributo de Freud e da Psicanálise - A Dicotomia Masculino/Feminino .....	4
Sexualidade Masculina e Feminina .....	8
Capítulo 2 .....	11
O Modelo Psicanalítico e a Origem do Complexo de Édipo .....	11
A Origem do complexo de Édipo .....	12
O Complexo de Édipo e a sua Dissolução, segundo Freud .....	14
Complexo de Édipo .....	14
Complexo de Édipo no feminino .....	14
Capítulo 3 .....	16
Édipo e o Conceito de Castração - aprofundando.....	16
O Ego e o fim do complexo de Édipo .....	17
Compreender Édipo como Precursor de Identidade - A Metáfora do Extraterrestre.....	18
Capítulo 4 .....	21
O Fetichismo, segundo Freud, e o Transgenerismo.....	21
Capítulo 5 .....	26
A Identidade de Género - uma perda melancólica?.....	26
A Melancolia da individualidade .....	27
A Incorporação do Género .....	28
O Falhanço do Género; O caso Schreber; Melanie Klein .....	29
O Transsexualismo - um terceiro género? .....	32
Conclusão .....	34
Bibliografia.....	36

# Introdução

O assunto desta dissertação é a abordagem psicanalítica à construção da identidade de gênero (e da identidade *per se*). Relacionando esse tema com o surgimento de possíveis desvios a essa construção como a transsexualidade ou o transgênero, nela é defendida a importância fundamental que o legado de Freud continua a exercer na sua explicação.

A identidade de gênero e a sua gênese têm sido, inevitável e consistentemente, alvo de reflexão no âmbito quer da medicina psiquiátrica quer, mais concretamente, da psicanálise. Ao longo dos anos, tem sido vasta a crítica aos conceitos da psicanálise, tanto numa tentativa de aperfeiçoar os seus pilares como de quebrar algumas barreiras por ela impostas, direta ou indiretamente. Falar de psicanálise, hoje, é falar de uma ciência (a ciência do Homem) também ela com identidade própria, assente em certos pressupostos, vivida sobre uma base relativamente estável, cuja metodologia tem sido frequentemente questionada. E esta base inerente à psicanálise é aquilo que possibilita a sua transformação ao longo dos anos, no sentido em que, décadas após o seu começo, o seu legado é discutido amplamente: se, por um lado, é natural que o desenvolvimento científico e toda a explosão cultural do século XX impliquem mudanças no seu paradigma, por outro lado as ideias de Sigmund Freud e de toda a sua escola psicanalítica continuam a exercer um dos fascínios e influências mais incontornáveis na Psiquiatria, na Psicologia, na Filosofia, em suma, em todas as ciências cujo objeto de estudo é o “Homem” e que naturalmente impregnam toda a cultura da sociedade moderna.

Esta dissertação não é mais do que uma reflexão ponderada sobre algumas das ideias psicanalíticas que pretendem explicar a construção da identidade de gênero, de como ela é vivenciada, construída sobre uma visão pessoal do tema. Não se pretende afirmar as ideias psicanalíticas como definitivas, mas antes reafirmar a sua influente fundação da psicologia moderna, no que toca quer ao modo de perceber o mundo externo quer à promoção de um autoconhecimento e da interioridade do indivíduo. Aliás, o próprio Freud é autor de uma das afirmações mais modestas e felizes do pensamento moderno - “Toda a descoberta tem sempre só uma parte da verdade que parecia ter à primeira vista”.(1)

Como tal, e questionando a perda do lugar da psicanálise na compreensão dos fenómenos psicológicos e do *Eu*, pretendo defender a resiliência da visão psicanalítica sobre a questão dicotômica gênero/sexo, de forma a garantir que, numa sociedade atual marcada pela desconstrução sociocultural progressiva da sexualidade e gênero, a psicanálise ainda continua a fazer sentido, mesmo no âmbito das suas próprias limitações.

Jean Laplanche, um dos psicanalistas pós-freudianos mais importantes, realça no seu livro “Novos Fundamentos Para A Psicanálise” um texto epistemológico onde Freud se interroga sobre a necessidade de invocar um dos seus conceitos fundamentais - o de pulsão - e que serve de ponto de partida para uma visão da Psicanálise como uma ciência. Não como uma ciência exata; nunca poderia sê-lo, sendo uma ciência cujo objeto de estudo é o Homem e o seu autoconhecimento analítico, construída sob pilares que não serão nunca dados no presente texto como absolutos e impassíveis de desconstrução:

*“Ouvimos muitas vezes formular a exigência seguinte: uma ciência deve construir-se sobre conceitos fundamentais claros e nitidamente definidos. Na realidade, nenhuma ciência, mesmo a mais exata, começa por tais definições. O verdadeiro começo de toda a atividade científica consiste antes na descrição dos fenómenos, que depois são reunidos, ordenados e inseridos em relações. Na descrição, já não se pode evitar aplicar ao material certas ideias abstratas obtidas aqui e ali, e não, claro está, apenas na experiência atual. Tais ideias - que se transformarão nos conceitos fundamentais da ciência - são, na elaboração ulterior dos materiais, ainda mais indispensáveis (...) elas comportam necessariamente um certo grau de indeterminação; não se trata de abarcar claramente o seu conteúdo. (...) chega-se a um acordo quanto ao seu significado, multiplicando as referências ao material da experiência, de que parece ter-se derivado mas que, na realidade, lhes está submetido. Portanto, têm rigorosamente o carácter de convenções (...) determinadas pelas importantes relações com os materiais empíricos; estas relações parece que se adivinharam mesmo antes de se poderem conhecer e de fornecer a sua prova. Só depois de um exame mais aprofundado do domínio dos fenómenos considerados é que também se podem captar mais precisamente os conceitos científicos exigidos e modificá-los progressivamente (...) Mas o progresso do conhecimento nunca tolera a rigidez nas definições. Como incontestavelmente no-lo ensina o exemplo da física, mesmo os ‘conceitos fundamentais’, fixados nas definições, veem o seu conteúdo constantemente modificado”(1)*

# Metodologia

Esta dissertação trata-se de um trabalho de pesquisa e, como tal, usei como recursos bibliográficos bases de artigos científicos como a PubMed e a B-On, para além de livros ou manuais no âmbito da Psiquiatria, da Psicologia, da Sociologia ou, mais especificamente, sobre a Psicanálise e o tema escolhido, que considerei terem informação mais apropriada, preferencialmente em língua inglesa ou portuguesa. Servi-me ainda da Internet e do seu potencial académico para pesquisa de documentos de interesse ao tema abordado e que não encontrei em manuais ou nas bases de artigos científicos.



# Capítulo 1

Antes de iniciar a dissertação, importa dizer que, durante a minha pesquisa, dei privilégio aos artigos e manuais que se enquadram na relação da psicanálise de Freud com a construção da identidade de género pelo indivíduo. Além disso, procurei manuais e artigos que introduzissem, na sua abordagem, uma temática mais atual do transgenerismo e da transsexualidade, de forma a relacionar esses conceitos com a atualidade das ideias de Freud. Para tal, usei palavras-chave como “psychoanalysis”, “gender identity”, “transgender”, “transsexuality”, “sexual identity” para pesquisa nas bases de artigos científicos (Pubmed e B-On). Ainda quanto aos artigos que analisei, dei privilégio a todos os que se centram de forma mais ou menos clara nos objetivos que delineeii, e essencialmente em língua inglesa ou portuguesa. Sendo o tema desta dissertação um tema que permite uma análise retrospectiva da obra de Freud e da própria psicanálise, não coloquei limitação quanto ao ano de publicação dos artigos e dos manuais que consultei, na tentativa de reunir o máximo de informação útil sobre o tema.

## O Contributo de Freud e da Psicanálise - A

### Dicotomia Masculino/Feminino

A Psicanálise é uma ciência cuja herança no mundo moderno é inegável, e cujo valor para a compreensão da construção da personalidade e complexidade humanas é irrefutável. A capacidade de Freud em elaborar uma construção não determinada da sexualidade e género humanos, influenciado pelos teóricos do Iluminismo que afirmavam o contrato social, não caiu bem junto da crítica, que progressivamente se foi flexibilizando. O mesmo aconteceu com os seus seguidores, que viram nas suas ideias a genialidade do mundo da época para se afirmar o desenvolvimento da Psicologia moderna e o próprio Homem como autor do seu destino.

Com John Macinnes, sociólogo e investigador escocês, iniciaria a abordagem às ideias de Freud sobre a dicotomia de género. Macinnes refere, no seu livro “O Fim da Masculinidade” (2002), que a obra de Freud é central para o desenvolvimento da “consciência histórica de género” da modernidade, porque fornece uma teoria da socialização sobre o modo como rapazes e raparigas constroem socialmente a masculinidade e feminilidade através da interação com os respetivos progenitores. De facto, Freud apresentou uma descrição de como as relações sociais entre os sexos podiam ser encaradas como uma construção social dos indivíduos, ao invés de se afirmarem como um produto biológico, mas também do modo como os termos dessa construção eram estabelecidos pelo sexo. Apresentava, assim, uma teoria explícita do género, devidamente fundamentada nas suas observações.(2)

Como tal, mesmo admitindo uma diferença biológica e natural entre os sexos, a sua teoria veio explicar como é que os rapazes podiam tornar-se masculinos e as raparigas femininas. A desigualdade sexual entre homens e mulheres podia ser encarada não só como o estado natural das coisas, mas como um estado também socialmente debitado. A visão de Freud é frequentemente interpretada como reprodutora da patriarquia, através da explicação do modo como os homens têm de se tornar masculinos. No entanto, esta interpretação, apesar de tentadora, deve ser rejeitada, porque representa, afinal de contas, uma retirada relativamente às principais perspetivas pessoais de Freud e uma incapacidade de seguir completamente essas perspetivas até à sua conclusão lógica.(2)

Seguindo o nosso raciocínio, Freud fez assim surgir na comunidade uma compreensão da diferença sexual. Pode ser interpretada como uma ideologia através da qual as pessoas imaginam que as relações sociais construídas são, de facto, produzidas por um objeto externo, sendo que esse objeto é a existência de dois sexos biológicos. Ou pode ser encarada como um ponto de partida que questiona a origem das personalidades, em vez da origem da masculinidade e da feminilidade. Nesse sentido, a obra de Freud será, mais corretamente, uma primeira tentativa de explicar como é que a génese sexual estabelece os limites e as estruturas de personalidade, e não se é uma personalidade masculina ou feminina.(2)

Nos seus apontamentos, Freud estabelece que, no que diz respeito às manifestações auto-eróticas e masturbatórias da sexualidade, podemos afirmar que a sexualidade das meninas tem um carácter completamente masculino. Imagino que, até para o leitor tendencialmente masculino, cause alguma estranheza ouvir esta afirmação por parte de Freud, até porque: se o género não é biológico, que ligação se pode dizer que mantém logicamente com o sexo biológico, no sentido de se terem os órgãos sexuais masculinos ou femininos?(2)

Mas Freud é esclarecedor. O génio austríaco sugere que a essência da masculinidade é a libido, que podemos associar à energia, à iniciativa, e ao impulso sexual e à agressão, aos quais Freud se refere como “atividade”, por oposição a “passividade”. Esta libido não mantém relação intrínseca com as categorias de sexo biológico, podendo ocorrer em qualquer dos sexos, e ter o sexo como seu objeto. Notamos, portanto, um cuidado e lucidez científicos na literatura de Freud que sempre lhe deram superioridade em relação a tantos outros teóricos que lhe seguiram.(2)

Sigmund Freud estabeleceu, então, em 1915, numa nota adicional do seu livro “Três Ensaios sobre Teoria da Sexualidade” (1905), que os conceitos de masculinidade e feminilidade necessitariam de uma compreensão elucidada, sendo frequentemente mal interpretados no âmbito da ciência. Distingue três formas de os interpretar:

-No sentido de **atividade/passividade** -> diz respeito às diferenças do papel da libido no instinto sexual em ambos os sexos. A libido é associada tendencialmente à masculinidade e,

consequentemente, à atividade, mas no sentido em que um instinto é sempre ativo, mesmo quando tem um objeto passivo em vista; sendo assim, no sexo feminino denota-se uma posição de busca sexual mais passiva, mas que corresponde igualmente a uma forma de instinto ativa;

-No **sentido biológico** -> diz respeito às funções inerentes aos espermatozóides ou aos óvulos. A atividade e os fenómenos concomitantes (maior desenvolvimento muscular, agressividade, maior intensidade da libido) estão, geralmente, ligados à masculinidade biológica, mas não é necessariamente assim, porque há espécies animais em que estas qualidades são, contrariamente, características das fêmeas;

-No **sentido sociológico** -> diz respeito aos papéis que advêm da observação direta dos indivíduos reais de ambos os sexos. A masculinidade e feminilidade puras não são encontradas, biológica e psicologicamente, sendo que cada indivíduo apresenta uma combinação de traços de ambos os sexos. (3)

A ideia de atividade em Freud não deve ser levada à sinonimia com questões de superioridade sexual, mas tida como uma ideia pessoal que Freud tinha acerca do papel anatomo-social do homem, em contraste com o papel da mulher, mais passivo, ou até como um reflexo da autoridade do poder público que o homem teve naquele século especificamente. É abordado um aspeto essencialmente empírico, e não apenas lógico, dos termos de masculino e feminino. Afirmando que a masculinidade tende a associar-se a características como a força muscular ou a agressividade, Freud, “o cientista do Homem”, pretende apenas revelar um dos sentidos possíveis para colocar a dicotomia apresentada. Nem seria a sua intenção apresentar uma regra-mãe que abrangesse todos os indivíduos, mas sim lembrar que existe uma diferença sexual biológica, apesar da origem inata semelhante dos sexos. Uma das ideias fundamentais do seu livro “Três Ensaios” (1905) é a de que o sexo biológico não atribui um género aos seres humanos, nem as características de ambos os sexos são para ser tidas como universais. Este aspeto fundamental da obra de Freud será, entretanto, desenvolvido adiante nesta dissertação.(2)

Quanto ao aspeto social, verifica-se que há uma mistura de traços de carácter do seu próprio sexo e do sexo oposto. Os traços de carácter de que fala Freud poderão entender-se como sendo aspetos de identidade que podemos designar por “género”, e que incluiriam os aspetos simbólicos da sexualidade humana que Freud tentou explicar. Esta ideia vem enraizada numa outra, na qual Freud, no livro acima referido, afirma que **o ser humano é um ser psicologicamente bissexual**, com características e traços de ambos os sexos. (2)

Por que motivo devem então os homens ou as mulheres optar pelo abandono da “perversidade polimorfa” e estabelecer o respetivo género?

Freud sugere que a bissexualidade psicológica seria um reflexo da bissexualidade biológica, conservando a ligação entre género e sexo; não será de interpretar que Freud pressuponha a redução do género ao sexo, mas sim perceber que Freud propõe uma linha de macho para fêmea, na qual a maioria das pessoas oscilaria numa ou noutra extremidade, tal como acontece, por exemplo, com dois extremos de um espectro. (2)

Seguidamente, Freud tipifica, em termos de sexo, os traços de carácter, através de uma associação livre do conceito de “atividade” com masculinidade, introduzindo entretanto as categorias de macho e de masculino, conforme a situação, e sugerindo que uma definição mais precisa do conceito acabaria por solucionar o problema. Certamente não haverá uma razão lógica para associar a atividade à masculinidade, e Freud admitiu isso mesmo em “Três Ensaio”, remetendo para o facto de, noutras espécies animais, os traços ligados à masculinidade serem atribuídos à fêmea. No entanto, apesar de todo o simbolismo assente na heterossexualidade reprodutora, há muito pouco de exclusivamente masculino ou feminino, e será aqui que Freud pretende chegar. (2)

Além disso, a intenção original de Freud parece ser a de demonstrar que as normas e médias da masculinidade socialmente construídas e modificadas são isso mesmo, e graças ao abandono da perversidade polimorfa. Com efeito, recusemos transformar o corpo masculino num símbolo automático do domínio social masculino, para uma criança em fase de formação, porque fará parte do seu processo de construção pessoal de identidade assumir, ou não, esse papel. Porém, as características comuns da masculinidade são importantes e a verdade é que, na prática, a maioria dos homens apresenta essas características médias de masculinismo e, independentemente de se ter em atenção que este masculinismo não é preditor direto da masculinidade, é um facto legítimo e admitido por Freud.(2)

E, já que Freud, ele próprio, não era um sociólogo (nem pretendeu sê-lo), a sua obra deve ser vista como respeitante à forma como a génese sexual natural dos indivíduos produz personalidades independentes umas das outras, mas capazes de produzirem sociedade. A atualidade do génio de Freud reside também no facto de ter estabelecido uma noção de que, se abandonarmos os pressupostos de que homem e mulher são naturalmente diferentes, nascidos com personalidades e capacidades diferentes, algumas naturalmente fixadas, então a origem de toda a divisão sexual do trabalho na sociedade tornar-se-ia demasiado difícil de explicar. (2)

## Sexualidade Masculina e Feminina

É certo que associamos determinadas características masculinas ao homem (penetração, potência, atividade, força, competitividade), no entanto o homem pode ter uma reversão desses traços noutros contextos. O homem revela traços de desejo de entrega, capacidade de ternura e de expressar sentimentos, docilidade, alguma sensibilidade maternal protetora com os filhos - estes traços poderiam ter-se como femininos. Ora, essa possibilidade, que aproxima o homem da mulher, pode ser até mais marcada em certos indivíduos, o que nos indica que, por detrás dessa máscara de virilidade, denotam-se os mais reprimíveis traços da sexualidade do homem, mostrando também que, para além dos permitidos desejos em relação à mulher, se encontram, de forma vedada, os proibidíssimos desejos de “ser mulher”.

Alfredo Capellá, psiquiatra e psicoterapeuta espanhol, natural de Barcelona, tem, no seu livro ensaísta “Sexualidades Humanas, Amor e Loucura” (2003), uma abordagem que considero interessante quanto a esta aproximação de ambos os sexos. Se assim for, será preciso perceber por que razão a ideia de se identificar com o ser mulher ou com as qualidades femininas provoca tanta angústia e horror ao homem.(4)

Ora, em geral, na nossa cultura (e a cultura marca o nosso psiquismo), ser homem equivale a ser um “pénis potente”. Da mesma forma, essa cultura delega no homem a posse do falo e dos seus valores inerentes (esta particular associação irá ser discutida adiante neste trabalho). Fundamentalmente, o temor de perder este privilégio que o falo lhe outorga estaria conotado fortemente com o complexo de Édipo, formulado por Freud, isto é, a possibilidade de perder este órgão tão sobrecarregado de significações. Segundo esta perspectiva, a mulher é definida como um ser sem pénis - ao não ter o falo potente, estaria castrada, e isto tem como consequência o temor do homem de perder o seu privilégio e ficar castrado (simbólico de incerteza, indefinição feminina).(4)

Por outro lado, certos atributos chamados fálicos (fertilidade, gozo, poder ilimitado) podem estar também situados do lado da mulher e, por vezes, provenientes das profundezas do inconsciente do homem, aparecem desejos de possuir certos atributos do ser mulher. Digamos que este é o aspeto mais oculto, reprimido, do ser homem na nossa cultura penicêntrica - os desejos e identificações do homem aos atributos femininos e da feminilidade, imaginando que, a este nível, o ser mulher fosse o mais privilegiado. (4)

Seguindo o raciocínio, seres identificados como “homens” sentem e desejam o que é próprio da mulher, os atributos da feminilidade em diversos graus, até ao extremo de desejar, realmente, ser mulher - desde a homossexualidade (identificação com o comportamento sexual recetivo da mulher), o travestismo (uma reprodução e identificação com o papel feminino, copiando o seu aspeto externo) até ao transsexualismo (quando seres em conformação de macho se sentem mulheres, renegando a sua virilidade e exprimindo desejos

de modificação radical do seu corpo, mediante a química ou a cirurgia, de modo a que a sua identidade sexual coincida com a identidade de género).(4)

No mundo que conhecemos, não existe outra possibilidade de “ser” senão colocar-se do lado do homem ou do lado da mulher. Até o indivíduo transsexual procura, com afinco, ser reconhecido a nível legal e social no sexo a que sente pertencer. Ser homem ou mulher é, assim, uma absoluta necessidade do mundo humano como tal, uma identidade simbólica e não uma essência primordial, que se vai realizando e gravando no psiquismo, podendo oscilar em algum momento de crise e que também pode enriquecer-se com atributos tanto de masculinidade como de feminilidade.(4)

A sexualidade feminina é muitas vezes pontuada pelas suas limitações e proibições ou, mais radicalmente, uma sexualidade marcada pela amputação dos seus potenciais, pela sua eliminação num grau importante, pelo seu intenso apagamento a partir de muitos ângulos sociais. De um ponto de vista histórico, tem sido inegavelmente assim. (4)

Hoje em dia não é tão notório, e em muitos âmbitos a sexualidade feminina pôde florescer e conquistar o seu território. Contudo, é sabido que em certas culturas e espaços sociais continua hermeticamente fechada. A amputação da sexualidade da mulher (o clitóris é o falo da mulher) tem-se vindo a realizar realmente na própria carne - práticas como a clitoridectomia ou a infibulectomia têm sido mantidas por muitas culturas. Aliás, até a nossa própria cultura ocidental denota, de forma diferente, como é facilmente amputável o ser mulher, pela facilidade com que é extirpado o aparelho reprodutor feminino, pela ovariectomia ou pela hysterectomia. Mesmo sem recorrer ao método psicanalítico, facilmente se conclui que o ser mulher se situa claramente no lugar de castração, a nível real ou a nível simbólico. (4)

Após os primeiros tempos de indiferenciação sexual (nos quais o desconhecimento dos valores e códigos da cultura humana impede a distinção entre os sexos), a menina adivinharia (podemos pensar) qual é a essência do ser mulher no período pubertário, já que, com o início da função menstrual (a menarca), o aparecimento de determinadas alterações morfológicas e a capacidade de obter prazer genital parecem apresentar-se como evidências - e o mesmo se pode dizer quanto ao homem. (4)

É precisamente neste período pubertário que, paradoxalmente, a identidade sexual (e de género) pode ser mais posta em causa. Como é sabido, no início desta fase, e durante a mesma, podem surgir sentimentos de estranheza e de não familiaridade em relação às alterações do corpo, ou quanto às certezas sobre o ambiente familiar e/ou social, ou ainda em relação ao surgimento intenso de desejos sexuais mais ou menos manifestos, desconhecidos até esse ponto. Mais ainda, estes comportamentos sexuais serão, por enquanto, mais ambíguos que claros e definidos.(4)

Ora, levanta-se a grande e decisiva questão da identidade sexual e de género - quem sou eu? O quê e a quem desejo? Esta dupla questão exprime a inquietação por nos sentirmos habitantes de um corpo e de uns desejos desconhecidos. Será, porventura, o momento de maior confusão para o sujeito humano, do qual se pode dizer, metaforicamente, que parece sentir-se um forasteiro num corpo que lhe era familiar até então. É, inclusive, habitual que, neste período, surjam certos desejos, comportamentos ou jogos, dirigidos tanto para o próprio como para o sexo oposto, numa tentativa quer de aproximação quer de recusa, o que explica a carregada polaridade sexual do momento pubertário e adolescente. E este comportamento observa-se, igualmente, renascente em relação às figuras primordiais da infância (pai, mãe, irmãos, avós), ora com atração ora com repulsão. (4)

É neste momento que conceitos simbólicos como a **identidade de género** são marcados, durante os rituais de passagem que cada cultura estabelece através de formas muito variáveis, mas com estruturas comuns - uma demarcação que deixa de parte as dúvidas quanto à dicotomia homem-mulher, ou masculinidade-feminilidade, homossexualidade-heterossexualidade. O ambiente social, creio, acaba por estabelecer duas classes sexuais diferenciadas fortemente, cada uma acompanhada da sua sexualidade. No entanto, a partir do discurso social dir-se-ia que a sexualidade da mulher é entendida como algo muito mais tabu do que a do homem, tendo um maior número de proibições, quer da figura paterna quer da materna. Esta desvalorização, se quisermos, da sexualidade feminina referencia-se em aspetos como a sobrevalorização da sua virgindade ou a valorização excessiva de passividade e expressão emocional.(4)

É certo que na atualidade estas imagens clássicas sobre ambas as sexualidades têm sido bastante subvertidas - masculino e feminino já não são exclusivos de cada um dos sexos - contudo, no “inconsciente coletivo”<sup>1</sup>, conceito originalmente fundamentado pelo psiquiatra suíço Carl Jung, acabam por persistir, dada a sua (claro está) natureza imemorial ao longo do tempo. (4)

Posto isto, regressemos ao modelo psicanalítico e às tentativas de compreender como a identidade e a sexualidade estão conectadas, no que toca à formação da noção de género pelo indivíduo.

---

<sup>1</sup> No seu livro “Estudos sobre Psicologia Analítica” (1925), Jung escreve: “(...)o inconsciente contém não só componentes de ordem pessoal, mas também impessoal, coletiva, sob a forma de categorias herdadas ou arquétipos. Já propus a hipótese de que o inconsciente, nos seus níveis mais profundos, possui conteúdos coletivos em estado relativamente ativo, por isso o designei inconsciente coletivo” (Jung, 1925) (15)

# Capítulo 2

## O Modelo Psicanalítico e a Origem do Complexo de Édipo

O modelo psicanalítico dá importância fundamental à sexualidade infantil no desenvolvimento da sexualidade humana. Classicamente falando, Freud descreve várias fases da evolução sexual: **oral**, **anal** e **genital** (esta última divide-se nas fases fálica e genital propriamente dita, que aparece na puberdade). Esta divisão tem por base a zona erógena predominante e o modo de relação de objeto.(4)

Na fase oral, predomina a oralidade, onde há uma relação fusional entre a cavidade oral da criança e o peito da mãe. Na fase anal, predomina a zona erógena anal e há uma relação mais diferenciada com os outros, maior controlo sobre o próprio corpo e sobre a agressividade. Por sua vez, na fase fálica existe uma primazia das zonas genitais, e a criança só reconheceria o órgão genital masculino. Finalmente, na fase genital pubertária há uma primazia da genitalidade e uma organização de todas as pulsões em relação à possibilidade sexual própria do adulto; há ainda um reconhecimento da diferenciação sexual homem-mulher e dos seus órgãos correspondentes. É uma fase na qual tanto o menino como a menina reconhecem um só termo genital - o pénis masculino. (4)

Ora, em cada uma destas fases podemos encontrar um padrão descrito do encontro entre uma proeminência e uma cavidade, ou seja, a ordem natural boca-mamilo, bolo fecal-ânus, pénis-vagina, que constituem, por assim dizer, períodos privilegiados de uma suposta complementaridade fálica. Junta-se, depois, um outro binómio no qual se disputa uma possível completude fálica: a relação da criança com um outro - o pai, a mãe ou qualquer outra pessoa de grande valor afetivo - com quem imagina poder completar-se. A diferença, neste caso, é que se trata de uma relação entre seres (objetos totais), enquanto nos outros binómios sequenciais é uma relação entre objetos parciais.(4)

Além desta dinâmica fálica, a sexualidade do bebé humano é basicamente regulamentada e organizada pelo mundo simbólico que, no início, se traduz nos pais, educadores e/ou avós, por exemplo. Estas três fases principais de desenvolvimento psicosssexual, definidas por Freud, englobam quer a instituição e o fim das mamadas, quer a ritualização e ordenação do controlo anal/urinário, quer a regulação da genitalidade infantil, que se dá durante o período edípico com a constituição e dissolução do chamado complexo de Édipo.(4)



## A Origem do Complexo de Édipo

Freud, na sua obra “A Interpretação dos Sonhos” (1900), introduz a ideia de que o papel principal na vida mental de todas as crianças que depois se tornam psiconeuróticas é desempenhado por seus pais. Segundo o próprio, apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro fazem parte do leque de importância dos impulsos psíquicos que se forma na época infantil e que é tão decisivo na determinação dos sintomas de uma neurose posteriormente. No entanto, Freud não admite que os psiconeuróticos sejam acentuadamente diferentes, nesses aspetos, em relação aos outros seres humanos que permanecem normais, isto é, que eles sejam capazes de “criar algo absolutamente novo e peculiar a eles próprios”. É muito mais provável “que eles se diferenciem apenas por exibirem, numa escala ampliada, sentimentos de amor e ódio pelos pais, os quais ocorrem de maneira menos óbvia e intensa nas mentes da maioria das crianças”.(5)

Ora, a descoberta do complexo de Édipo é baseada numa lenda da Antiguidade clássica - a lenda do Rei Édipo, contada na tragédia de Sófocles. Nesta lenda, Édipo, filho de Laio, Rei de Tebas, e de Jocasta, é rejeitado em criança na sequência de uma revelação feita por um oráculo ao seu pai, alegando que a criança ainda por nascer seria o seu assassino. A criança, Édipo, vinda de uma terra estrangeira, e numa tentativa de saber mais acerca das suas origens, consulta o oráculo, que o alerta para evitar a sua cidade, evitando a profecia cruel - o assassinio do seu pai e, conseqüentemente, a união com a sua própria mãe, em casamento. No entanto, a força do destino não impediu que, numa estrada que o levaria para longe de Tebas, Édipo encontrasse o Rei Laio, seu pai, e o assassinasse. De regresso a Tebas, Édipo decifraría o enigma apresentado pela Esfinge, que lhe barrava o caminho, e, em sinal da sua gratidão, o povo de Tebas fá-lo-ia rei, concedendo-lhe a mão de Jocasta, sua mãe, em casamento. O fado incestuoso de Édipo consumava-se. De facto, segundo a tragédia grega, reinou por muito tempo e aquela mulher que, sem que Édipo o soubesse, era sua mãe, dar-lhe-ia dois filhos e duas filhas. Mas só quando uma peste se alastraria sobre Tebas e o povo voltaria a consultar o oráculo é que a tragédia de Sófocles realmente se iniciava - nesta fase da obra, é trazida uma resposta do oráculo de que a peste apenas cessará quando o assassino de Laio tiver sido expulso do país. (5)

É neste momento que Freud avança no seu raciocínio. Segundo ele, a intenção central da peça consiste num processo de revelação (e que pode comparar-se ao trabalho de uma psicanálise) de que o próprio Édipo é o assassino de Laio, mas também de que é o filho do homem assassinado e de Jocasta. De facto, consumido pela consciencialização do ato horrível que perpetuara, Édipo cega-se a si próprio, abandonando o lar. (5)

“A predição do oráculo fora cumprida”, como confirma Freud. Chegava ao fim a tragédia do destino, que tem como efeito trágico o contraste entre a vontade imposta pelos deuses e as vãs tentativas do Homem para escapar ao mal que o ameaça. Como tal, a reação esperada do

espectador comovido que assiste à peça é a submissão à vontade divina e o reconhecimento de sua própria impotência. “O destino de Édipo comove-nos apenas porque poderia ter sido o nosso - porque o oráculo lançou sobre nós, antes de nascermos, a mesma maldição que caiu sobre ele. É destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino para nosso pai”. É assim que Freud consuma a analogia de Édipo em relação ao desenvolvimento dos impulsos sexuais na criança - o caso do Rei Édipo, que assassinou o seu pai e se casou com a sua mãe, simplesmente nos revela a realização dos nossos próprios desejos infantis. (5)

Mais ainda, nós somos mais afortunados que Édipo, porque conseguimos, não nos tornando psiconeuróticos, remover os nossos impulsos sexuais em relação às nossas mães e esquecer o nosso ciúme em relação aos nossos pais. Tal como o autor sugere, referenciando Édipo, “ali está alguém em quem esses desejos primitivos da nossa infância foram realizados, e dele recuamos com toda a força do recalçamento, através do qual esses desejos, desde aquela época, foram contidos dentro de nós.”(5)

A culpa de Édipo é-nos trazida através de um desvendar do passado longínquo, e Sófocles consegue fazer-nos reconhecer esse período secreto, onde esses mesmos impulsos ainda podem ser encontrados, embora tenham sido suprimidos. Assim como o pseudo-herói da história invocada por Freud, também nós vivemos na ignorância desses desejos repugnantes à moral, que nos foram impostos pela Natureza. Ainda assim, após sua revelação, “é bem possível que todos busquemos fechar os olhos às cenas da nossa infância”, numa espécie de encobrimento inconsciente das nossas próprias experiências.(5)

Hoje, assim como no período de Sófocles, “muitos homens sonham ter relações sexuais com suas mães, e mencionam esse facto com indignação e assombro. Esta é claramente a chave da tragédia, e o complemento do sonho de que o pai do sonhador está morto”. (5)

Deste modo, tal como Freud deduziu, a história de Édipo é a reação da nossa imaginação àqueles dois sonhos típicos. E, assim como esses sonhos, quando produzidos por nós, são acompanhados por sentimentos de repulsa, também Sófocles e a sua lenda precisariam de incluir todo o horror e noção de autopunição perpetuadas pela personagem de Édipo. (5)

# O Complexo de Édipo e a sua Dissolução, segundo Freud

## Complexo de Édipo

Freud sugere que seria no estágio fálico que a criança enfrentaria o então designado Complexo de Édipo, no período entre os 3 e os 6 anos de idade. Algures nesta fase, a criança masculina expressaria, então, um desejo sexual em relação à sua mãe, cuja posse ela discute juntamente com seu pai, da mesma forma que expressaria ódio em relação a este. Contudo, dada a natureza catastrófica destas fantasias, elas devem permanecer enterradas no nosso inconsciente, podendo causar conflito durante a vida.(6)

No início da fase fálica, a criança apercebe-se que não é a única a ter a atenção da mãe - para além dela, a mãe divide a sua atenção pelos eventuais irmãos ou, principalmente, pelo pai. É após esta percepção que a criança masculina se ressentem em relação ao pai. Inconscientemente, inicia um desejo de o assassinar, mesmo que o ame. Desta forma, ao mesmo tempo que se apercebe da presença forte e todo-poderosa do pai, a criança cria a certeza de que este sabe acerca dos seus pensamentos proibidos e que, como tal, virá ao seu encontro executar a sua vingança - é aqui que surge o **conceito de castração**, discutido adiante, ou a forma de vingança do pai em relação à criança.(6)

A castração pelo pai torna-se, assim, no medo opressivo para o ego da criança, ainda em brotamento nesta fase. Mas a criança acaba por lidar com este medo com o auxílio de **mecanismos de defesa**, com os quais ela faz a **repressão** dos seus pensamentos proibidos, ao mesmo tempo que constrói uma **identificação** com o progenitor do mesmo sexo, incorporando no seu ego as características da sua personalidade. Estes dois principais mecanismos possibilitam à criança resolver a sua rivalidade edipiana com o seu pai, libertando-se a si própria da ansiedade proveniente da ameaça de castração pelo mesmo.(6)

## Complexo de Édipo no feminino<sup>2</sup>

Relativamente à menina, Freud debruçou o seu pensamento numa experiência semelhante, por parte das meninas em estágio fálico do desenvolvimento. Contrariamente aos rapazes, uma menina sente-se, logo à partida, consumadamente castrada - é confrontada com a existência de um pénis num rapaz ou num homem e, ao mesmo tempo, não entende a sua falta de pénis como um carácter sexual; em vez disso, explica a descoberta assumindo que já possuía, noutro tempo, um órgão igualmente grande, mas que tinha sido submetida a uma castração. No entanto, não estende essa premissa às outras mulheres e meninas, assumindo que elas possuem grandes órgãos genitais e, por isso, masculinos.(7)

---

<sup>2</sup>Carl Gustav Jung, um dos discípulos de Freud, chamou ao complexo de Édipo feminino “Complexo de Electra”, baseando-se numa outra peça de Sófocles - “Electra”.

Descobre, assim, que o seu órgão homólogo (o clitóris) não é um pênis, sentindo-se desprovida de um. Numa reação precipitada, a menina desenvolveria, desta forma, uma vontade de ser como os rapazes, experimentando uma inveja em relação a eles. É este sentimento que desencadeia nela um sentido de inferioridade, segundo Freud, e cuja existência a leva a desejar ser um rapaz, condicionando o seu desenvolvimento. (6)

Ora, de seguida a menina revolta-se contra a sua mãe. Isto porque a progenitora é vista como igualmente desprovida de pênis, também ela inferior, sendo por isso culpada de ter privado a filha de ter um pênis e de todo o prazer a ele associado. Portanto, as meninas expressam essa revolta contra o facto de terem sido magoadas na sua infância, desprovidas de algo e tratadas de forma injusta. É a **inveja pelo pênis** masculino que inicia, assim, o Complexo de Édipo feminino. A resolução desta hostilidade em relação à mãe começa quando a criança se debruça sobre a figura paterna e adota a posição materna, para obter o que ela considera que, por direito, é dela (o seu ausente pênis), desejando assim que o pai lhe dê um bebé - uma compensação; em última instância, a menina dissolve mesmo o complexo existente reprimindo esta atração proibida pelo pai e identificando-se com a sua mãe - repressão e identificação. Ao identificar-se com a mãe, em quem reconhece uma igualdade de castração, a criança criaria um sentido de identidade de género própria. (6)

Ambos os desejos da menina, possuir um pênis e ter um filho, permanecem fixados no inconsciente e preparam-na para o seu papel posterior de mulher, ao mesmo tempo que as suas tendências sexuais diretas se transformam em tendências inibidas, de tipo afectuoso, em relação à mãe. (7)

# Capítulo 3

## Édipo e o Conceito de Castração - aprofundando

Sigmund Freud estabeleceu que a criança masculina adota uma uniformização para a aparência genital dos que a rodeiam (igualdade fálica), supondo que a presença de um falo é comum a todos os seres vivos. Aquando da descoberta da ausência de pénis nas raparigas, a criança reage com o que Freud chama de **repúdio, ou rejeição**, mantendo a atitude pré-conceptual conservadora e acreditando preferencialmente no subdesenvolvimento do órgão visualizado (um pénis que acabará por crescer, mas ainda não cresceu). A atitude de rejeição leva a criança a falhar na compreensão das diferenças entre ambos os sexos, impossibilitando a descoberta da outra forma genital (clitóris). Em vez disso, a criança acaba por chegar à distorcida conclusão de que o pénis, apesar de ter existido, poderá ter sido removido/castrado. A adoção de um complexo de castração é visto pela criança masculina como um desafio interno ao qual terá de responder, mas, por outro lado, é o escape ficcional que adota para racionalizar a sua descoberta e manter-se fiel à preconcepção. A ausência de pénis proviria de uma **punição**, ao qual apenas as personagens femininas indignas seriam sujeitas, por manifestarem impulsos inadmissíveis, semelhantes aos seus. A sua mãe, por exemplo, seria naturalmente vista pela criança como uma mulher digna de respeito, e escaparia à castração - ou seja, nesta fase ser-se mulher ainda não é sinónimo de não ter um pénis. (8)

Só mais tarde é que a criança se apercebe que, de facto, apenas uma mulher poderá dar à luz uma criança - nesse momento a sua mãe perderia o seu pénis, levando a criança a formular teorias que expliquem a troca do pénis pelo bebé que nasce. No entanto, neste processo, a forma genital feminina não parece ser ainda descoberta - ou se pertence ao género masculino, possuindo um pénis, ou se pertence a uma espécie de género castrado, “não masculino”. Esta polaridade sexual só estaria completa no fim da puberdade.(8)

Posteriormente, Freud admite então a existência do mesmo complexo nas meninas - as mulheres teriam um pénis, mas vitimizado por castração. Contudo, não recorreriam ao mesmo tipo de negação, descrita acima, quando se apercebem que o sexo oposto tem uma forma genital distinta; reconheceriam imediatamente o pénis como forma genital oposta, no entanto manifestavam **inveja** (descrita anteriormente) em relação ao mesmo, o que poder-se-ia traduzir, ultimamente, num desejo de se tornarem rapazes e recuperar o falo não obtido à nascença. Ora, o entendimento deste processo será importante para interpretar as suas consequências numa posterior adoção de uma identidade sexual e de género por parte da criança, visto que a insistência da menina em possuir um pénis (fruto dessa inveja não reprimida) pode originar uma vivência pessoal de uma identidade que contraria o sexo biológico.(3)

## O Ego e o Fim do Complexo de Édipo

Após a dissolução do complexo de Édipo, na primeira infância, segue-se um período de latência, até ao início da puberdade. Nas suas notas acerca da dissolução do complexo (1908), Freud sugere que quer a ausência de satisfação esperada (no masculino) quer a negação continuada do bebé desejado (no feminino) levam, no fim, “o(a) pequeno(a) amante a voltar costas ao seu anseio sem esperança”, dada a impossibilidade interna para o seu sucesso. (7)

Reconhecendo a natureza inata do destino edipiano, a sua inevitável dissolução, Freud estipula, ainda em 1908, que o complexo ofereceu duas possibilidades de satisfação à criança - uma passiva e outra ativa. Ela poder-se-ia colocar no lugar do seu pai e ter relações com a mãe, caso em que aquele tornar-se-ia um estorvo (posição masculina), ou poderia querer assumir o lugar da mãe e ser amada pelo pai, caso em que a mãe se tornaria inútil (posição feminina). No entanto, a possibilidade de castração elimina as possibilidades, dado que ambas pressupõem a perda do seu pénis: na primeira possibilidade, o menino sofreria uma punição (remoção do pénis) e na segunda possibilidade a menina perderia o seu pénis como condição inerente à mulher. (7)

Ultimamente, é o ego da criança que vira costas ao complexo de Édipo. Surge a **identificação**, através do qual “a autoridade do pai ou dos pais é incorporada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno dos desejos libidinais” - há uma dessexualização e sublimação das tendências libidinais do complexo de Édipo, sendo transformadas em afeição pelo progenitor do mesmo sexo. Desta forma, a criança masculina mantém o seu pénis intacto, mas paralisado, inibido de sua função, o que explica o período de latência e de interrupção sexual que daí se segue. Por seu lado, a criança feminina reconheceria a ausência de um falo na mãe e juntar-lhe-ia o seu afeto, mantendo o desejo pelo pai inibido. Ao mesmo tempo, existência simultânea de um mecanismo de repressão, já mencionado, permite este afastamento da criança em relação ao complexo, atestando o seu inevitável fim. (7)

## Compreender Édipo como Precursor de Identidade - A Metáfora do Extraterrestre

O que significa então Édipo? A progressiva entrada no teatro edipiano, com as personagens que o formam (o agregado familiar) e as suas regras limitadoras, promove a entrada da criança humana e das suas pulsões no mundo humano.(4)

A regulação da sexualidade implica não só a sua proibição e repressão pelo meio social, mas também a sua (necessária) propiciação - os primeiros objetos erógenos, ainda que progressivamente delimitados, servem igualmente para facilitar a necessária estimulação da pulsionalidade da criança - não se poderá afirmar que o desejo do menino pela mãe é um primeiro motor para colocar em marcha o campo dos desejos? A natureza sexual do ser humano vai entrando num campo de normas e proibições que, por sua vez, estará recheado de estímulos, e isso permite a constituição do desejo humano.(4)

Já o falo, sendo, em si mesmo, irrepresentável e permitindo o inalcançável (a imortalidade, o prazer pleno, a completude, a reunião fusional com o outro), tem de se concluir logicamente que este simboliza que o ser humano deve aceitar a existência de limites às suas possibilidades de prazer e gozo (na verdade, ninguém possui o ideal fálico) e que não pode levar as suas pulsões até ao fim. Sendo assim, a regulamentação fálica delimita o ser humano. Esta primazia do falo pertence a uma perspetiva cultural, já que na essência não há, como será fácil de perceber, primazia de qualquer das partes, homem ou mulher.(4)

Isto demonstra que o conceito do complexo de Édipo em Freud vai muito mais além do que um simples cenário de amor pela mãe e ódio pelo pai no menino, ou vice-versa na menina, produzindo dois tipos de seres: o menino que o possui e a menina que não.(4)

Alfredo Capellá propõe uma visão metafórica. Para isso, serve-se da seguinte alegoria - como se poderia observar a sexualidade na perspetiva de um extraterrestre que entrasse, de repente, no corpo de um ser humano?(4)

Será sempre incompleta a nossa tentativa de aproximar o que seria a sua realidade, mas tentemos imaginar: um ser desconcertado, num corpo estranho que ainda não aprendeu a vestir, gradualmente notaria uma forte capacidade de gerar prazer ou de saboreá-lo através do outro, sentindo-se atraído e podendo até experimentar a novidade misteriosa do orgasmo. Ao mesmo tempo, é interessante imaginar: que estranho seria para ele tudo isto, pelo menos sem as nossas referências habituais. Não haveria sexos diferentes, haveria sim várias protuberâncias e cavidades que poderiam gerar nele o prazer intenso; e mais - qualquer outro ser, sem distinções, poderia dar-lhe esse prazer e/ou ser objeto do seu amor! (4)

O ser humano surge dotado de um corpo biológico e de um psiquismo potencial, e é através deles que entra em experiência com o mundo. Partindo desse ponto, submerge-se no mundo

simbólico humano que o rodeia (conceitos, cultura) - na verdade, não terá outra possibilidade para se constituir como sujeito. Vai aprendendo, consoante o seu progressivo mergulho no mundo real e simbólico, referências de espaço, tempo e causalidade. Desta forma, o mundo simbólico cultural é quem tece uma **malha simbólica** de conceitos significantes, regras, limites e valores que envolvem, com subtileza, o sujeito.(4)

Entretanto, a capacidade de pensar e de refletir adensam-se na interioridade deste “extraterrestre” que, sem que o próprio saiba ainda, já não o é. Com o tempo, desenvolver-se-á a si mesmo como *Eu*; um *Eu* que lhe permitirá funcionar como pessoa no ambiente social. Este ser extraplanetário, que veio para ficar, desenvolve-se somática e psiquicamente, captando a malha simbólica social que o fará autonomizar-se. Contudo, a sua relativa imaturidade obriga-o a permanecer durante o tempo da puberdade e adolescência “agarrado” aos seus progenitores.(4)

Sabe-se que o complexo de Édipo é uma entidade ligada à principal referência clássica da tragédia grega - a proibição do incesto. Inclusive, esta proibição do incesto, da endogamia, será a passagem necessária da natureza para a cultura, para as leis do parentesco e do casamento características do ambiente social. Segundo Claude Lévi-Strauss, terá um sentido positivo, já que nos diferencia das tendências da natureza, possibilita a exogamia e promove o intercâmbio necessário entre os grupos sociais (para além de manter um saudável fundo genético).(4)

De facto, se observarmos Édipo fora das designações psicanalíticas habituais, poder-se-ia dizer que a criança humana se encontra, durante muito tempo, submetida a uma certa “incestuosidade”, uma relação de amor/ódio pelos progenitores. Mais ainda, durante muito tempo o bebé humano não distingue os clássicos conceitos de homossexualidade, da diferença entre homem e mulher, masculino e feminino. Como tal, vê-se imergido numa indiferenciação, uma indelimitação.(4)

Mas, com a puberdade e a adolescência, a malha simbólica vai-se apertando e o “nosso extraterrestre” já deverá ser “um homem”, ou “uma mulher”, com determinada escolha de objeto sexual, distanciando-se do universo familiar para se aproximar do mundo dos adultos. (4)

Portanto, o **complexo de Édipo** será, certamente, um **organizador da sexualidade e da agressividade** do ser, facilitando a constituição do mundo de afetos da criança. Tem, assim, uma duração que se prolonga no tempo (até à puberdade, onde tem lugar a verdadeira passagem edípica), um sentido evolutivo que facilita a autonomia do indivíduo, facilitando a sua introdução na organização fálica. Neste sentido, afirma-se que o complexo de Édipo é a malha simbólica inicial provavelmente universal (digo “provavelmente”, porque a sua universalidade é sempre passível de ser questionada por outras sociedades com conceitos



culturais distintos) onde o sujeito se deverá constituir e buscar a identidade. Os rituais de passagem marcarão os conceitos básicos do mundo simbólico, voltarão a questioná-lo no mais profundo do seu ser e separá-lo-ão dos cenários infantis, ajudando à significância da identidade pessoal.(4)

Mas este processo não é fácil nem definitivo. Tudo isto permanece conflitualizado a nível inconsciente, e o sujeito pode voltar a questionar-se sobre a sua identidade sexual e de género, ou ficar preso aos objetos amorosos infantis. **Ser homem ou ser mulher**, leia-se vivenciar o corpo como sendo um homem ou como sendo mulher (a identidade pessoal de género), **é um caminho a percorrer na malha simbólica social, algo que se conquista.**(4)

Daqui se pode entender que, por aleatório exemplo, um ser vindo ao mundo como sendo fêmea (do ponto de vista biológico) possa ser cultural e socialmente marcado como macho, procurando, no entanto, a sua significância no destino de mulher, o que muitas vezes resulta num conflito entre o sexo e a vivência pessoal desse mesmo sexo (a identidade de género).(4)

Portanto, além da posição simbólica que permite a um ser humano “extraterrestre” algo tão fundamental como é a sua identidade (o poder-se dizer “sou homem” ou “sou mulher”), podem surgir identificações e formas tanto femininas como masculinas (consoante a permissividade psíquica de cada sujeito), havendo uma certa alternância entre elas. E esta ideia vai de encontro à alternância entre os traços masculinos e femininos na mesma pessoa evocada por Freud.(4)

Por muito que as ideias da psicanálise tenham sido marcadas por arquétipos culturais, o **conceito organizador de identidade** em Édipo é uma ferramenta psicanalítica que, anos e anos depois, continua a intrigar os teóricos mais radicais, que veem nos pilares freudianos quer um alvo de crítica negativa quer uma forma de inspiração e de influência incontornáveis.

# Capítulo 4

## O Fetichismo, segundo Freud, e o Transgenerismo

No seguimento da construção do conceito de castração pela criança, Freud realça que a igualdade fálica (a), erroneamente assumida pela mesma, pode ser tida em paralelo com outra assunção errónea, a de que a castração é o fator de diferença entre os dois géneros (b). Nos seus textos sobre a origem do fetichismo, o autor austríaco insiste na ideia de que a criança passa de uma consideração na qual a vagina é uma reminiscência do pénis removido para outra consideração importante - a de que a **criança passará a ver o imaginário pénis feminino removido como seu objecto de fetiche** (c). Ou seja, a vagina é tida como o resultado da castração, mas **um fetiche imaginado surge, simbolizando o reencontro do falo**. Este fetiche modifica a ansiedade da criança, já que suprime algum senso de ameaça e permite a esta imaginar alguém onde a castração e o falo coexistem - a ameaça e o stress da castração são contrabalançados pelo fascínio. (9)

Segundo Freud, este processo de defesa, traduzido na criação do fetiche, envolve uma **divisão do ego**, dado que (c) pressupõe que a criança mantenha (a) e (b) de modo a ficcionar a sua perceção e, assim, evitar o sofrimento inerente à sua incompatibilidade.(9)

Tradicionalmente, é defendido pelo modelo psicanalítico, por exemplo, que a não aceitação da castração da mulher, o terror à falta de um falo/pénis, seria um dos motivos por que o homem cai na homossexualidade.(4)

Partindo da concepção de Freud, Anthony Parffit esboça, no seu artigo acerca do Transgenerismo, algumas questões:

\*Que tipo de objecto é uma mulher com pénis?

\*Em que medida a noção de divisão do ego nos ajuda a entender a relação entre fetichismo e transgenerismo?

Ora, na teoria de Freud acerca do fetichismo está implícita uma noção de que uma criança pode criar uma **fantasia transsexual de castração**. Esta criação originaria uma espécie de abrigo psíquico, no qual a criança escaparia a uma realidade frustrante, ao mesmo tempo que se apoiava numa teoria transsexual de diferença de género. Nesta teoria, as raparigas são imaginadas como sendo igualmente fálicas e castradas e, conseqüentemente, a criança poderá imaginar que um rapaz poderia tornar-se uma rapariga se fosse castrado, e que uma rapariga poderia ser um rapaz se não tivesse sido castrada. (9)

Obviamente, esta forma de pensar da criança cria uma alteração nos significados de “rapaz” e de “rapariga”, ou de masculino e feminino tradicionais, mas que pode assumir importância na tentativa de compreender o estado de espírito dos indivíduos transgênero ou, simplesmente, entender como é que o conceito de gênero pode ser interpretado sob o escrutínio psicanalítico.

Continuando o mesmo raciocínio, para a criança cada gênero será ou fálico ou castrado e, à luz destas **fantasias** (de inclusão ou exclusão), cada criança não poderá pertencer a ambos os gêneros ao mesmo tempo, nem ser excluída da categorização em algum deles. Em seqüência, uma **fantasia de exclusão** (onde ou se é fálico ou se é meramente castrado) ainda permite à criança pensar que as raparigas podem simplesmente não ter pênis, enquanto uma **fantasia de inclusão** descarta essa hipótese, dado que nestes casos a criança reconhece a realidade de que as raparigas não possuem um pênis, mas mesmo assim acha que podem ter um - ou seja, o objecto de fetiche pode ser igualmente fálico e não fálico ou castrado. (9)

Deste modo, uma ansiedade transsexual e uma identidade transsexual poderão despertar no decorrer de fantasias transsexuais de castração, o que nos rapazes se traduz, por exemplo, num receio de perder o seu pênis pela castração ou mesmo mudar para o sexo oposto através desta. Ou, acrescentando a esta ideia, estes conceitos explicariam uma eventual construção de uma identidade simbólica de gênero masculina numa rapariga cujo sexo biológico é naturalmente feminino, por desejo/inveja em relação ao pênis, o que pressuporia igualmente uma falha no processo de repressão destes desejos pelo ego. (9)

Voltando atrás, **o fetichismo, desta forma, será responsável por criar o tal abrigo psíquico que afastaria**, segundo o autor do mesmo artigo, **ou pelo menos adiaria, o desenvolvimento das relações sexuais e da identidade de gênero**, quer por impôr condições complexas que impedem o despertar sexual, quer por confundir a contribuição dos órgãos genitais para a identidade de gênero, **já que a reacção de repúdio pela criança pode introduzir eventos transsexuais e originar daí as já mencionadas fantasias de castração**. (9)

De facto, ainda no mesmo documento, Parfitt descreve dois casos de adolescentes, que frequentaram sessões de psicoterapia:

- Um dos casos, **Frances**, uma **rapariga** de 16 anos, demonstrava um desejo intenso de ser um rapaz, e de ter um pênis. Apesar de, durante a puberdade, ter-se aceitado a si mesma como uma rapariga, ressentia-se da sua feminilidade e na sua adolescência viveu de forma neutra, de forma a manter as suas opções abertas, segundo afirmava (estará aqui uma evidência prática de uma defesa da melancolia do gênero, como veremos adiante). Na verdade, ela não demonstrava uma atitude homossexual (leia-se um desejo) em relação às amigas, em vez disso construía uma visão marcadamente negativa da feminidade, e manifestava um sentimento de **inveja** em relação aos

rapazes. Considerando-se a si mesma como um rapaz sem pênis, e não uma transsexual, fazia atividades juntamente com os colegas do sexo oposto, rejeitando a ideia de alteração cirúrgica de sexo. O autor menciona, entretanto, que considera que a rapariga em questão não tinha um pênis masculino imaginário, mas em vez disso teria um órgão genital feminino real que interpretava erroneamente. A própria rapariga, mais tarde, apercebera-se que a sua forma de se imaginar a si própria como uma rapariga com pênis ou como um rapaz sem pênis não permitiu que o seu sentido de identidade se desenvolvesse. Ela aceitou progressivamente que não era um rapaz cuja castração a tinha obrigado a viver como uma rapariga, nem uma rapariga tentando roubar um pênis para se tornar num rapaz (talvez esteja aqui inerente uma tensão social que impõe os seus limites).

Em suma, a disforia sentida pela rapariga é melhor compreendida à luz de uma identidade transgénero, apesar de nunca ter chegado a assumir essa identidade.

- Outro caso fala de um rapaz, **Leslie**, de 18 anos, que chega à sessão convicto de que a palavra transgénero traduzia corretamente o seu sentido de identidade. Durante a puberdade, passou por uma fase de fetichismo travestido, em que usava roupas de rapariga, tendo tido momentos onde desejaria que o seu pênis fosse removido. Primeiro, usou um cabelo longo, depois adotou um nome feminino mas, à semelhança do caso anterior, o rapaz nunca negou a sua masculinidade original. O autor acrescenta, em jeito de reforço, que a experiência transgénero, assim como o fetichismo, envolve conceitos de “rapaz” e de “rapariga” que têm significações diferentes dos conceitos habitualmente usados para os mesmos termos. Neste caso, o rapaz não nega sê-lo, mas sabe o que é ser uma rapariga, e vê-se a si próprio como uma forma extraordinária de rapariga - uma forma de rapariga que cresceu num corpo de rapaz normal ou, como o autor lhe chama, uma “rapariga masculinamente incorporada”. É, ainda, curioso notar novamente um efeito de tensão social no rapaz, que o faz tentar assumir a sua masculinidade, apesar do desejo intenso de assumir a identidade e o papel de género contrários. (9)

Posteriormente, na discussão final do seu documento, e reforçando que algumas ansiedades de castração introduziriam fantasias transsexuais, Parfitt argumenta que o sentido em que Frances se considerava a si própria uma rapariga era um no qual ela imaginava que teria sofrido um evento transsexual - conscientemente, pensava em si como uma rapariga que era um rapaz sem pênis. Segundo uma **fantasia de castração exclusiva**, este tipo de rapariga seria meramente castrada; segundo uma **fantasia de castração inclusiva**, seria castrada para além de fálica. No entanto, a auto-imagem de Frances, ao admitir que ela é uma rapariga mas sentindo-se como um rapaz sem pênis, pode ser tida como uma evidência da sua fantasia de castração inclusiva - como referido, segundo este tipo de fantasia, ela poderia ver-se como

fálica, mas também castrada, e isto faria com que ela se visse nem como uma rapariga “conveniente” (como a própria alegava) com uma vagina invejável, digamos, nem como um rapaz “conveniente” com um pénis invejável. (9)

Consequentemente, a ideia de um rapaz ou uma rapariga sexualmente “convenientes”, meramente fálicos ou meramente castrados, respetivamente, decorreriam de uma fantasia de castração exclusiva.

Por sua vez, em relação a Leslie, e em concordância com a descrição acima referida, o facto de o rapaz de 18 anos conscientemente se autoproclamar como uma rapariga em corpo de rapaz manifestava-se na sua identidade transgénero. Logo de seguida, Parfitt sugere, inicialmente, que a mentalidade transgénero de Leslie talvez dependesse de uma fantasia de inclusão, segundo a qual estaria familiarizado com o facto de manter o seu pénis, mas também ser castrado. No entanto, o rapaz não aceitava viver com uma identidade transgénero por si só - ele não queria viver como uma rapariga em corpo de rapaz, ou como uma rapariga fálica; em vez disso, Leslie desejava ser reconhecido como aquilo que Frances apelidaria de rapariga “conveniente”, eliminando o mais possível da metade masculina de si. (9)

Ora, **ao procurar a cirurgia**, e de modo a efetivar essa transição, ele poderia assumir uma identidade transsexual<sup>3</sup>, e não meramente transgénero.<sup>3</sup> Apesar de permanecer residualmente com um corpo masculino, **uma fantasia de castração exclusiva poderia ser concretizada**, tornando-se uma rapariga meramente castrada, ao invés de continuar a imaginar-se quer como fálico quer como castrado (como seria de esperar caso estivesse presente uma fantasia inclusiva). (9)

Desta forma, o autor conclui a exposição assegurando que podemos entender as fantasias de castração inclusivas como perpetuadoras de uma ameaça, aos rapazes, de perda do seu sentido de identidade, trocando-a com a do sexo oposto. Já no caso das fantasias exclusivas, rapazes e raparigas, pelos motivos já mencionados, sofreriam igualmente de uma ansiedade transsexual acerca da mudança da sua identidade de género. (9)

---

<sup>3</sup> O termo “transgénero” é usado para designar uma rutura de papéis e identidade de género, assim como a transgressão da fronteira de um género para outro; indivíduos transgénero expressam identidades de género fora das definições heteronormativas tradicionais, mas expressam reduzida ou nenhuma intenção de consumir a mudança de sexo cirúrgica ou hormonoterapêutica. O termo “transsexual” diz respeito aos indivíduos que se podem inserir numa das seguintes categorias: prétransição (cirurgia de mudança de sexo ainda não consumada, mas o indivíduo pretende fazê-la, inclusive assumindo parte ou a totalidade da sua rotina como o género pretendido), em transição e pós-transição (a cirurgia já consumada, e o indivíduo assume a totalidade da sua rotina vivendo no papel do género pretendido). Apesar de controverso e alvo de sucessivas opiniões, o termo “transgénero”, ao definir alguém que muda a sua identidade de género mas não o seu sexo, faz assim a divisão entre aqueles que redesignam o sexo com que foram dotados à nascença e aqueles cuja expressão de género é considerada inapropriada para o sexo que apresentam. (16)

Além disso, é reforçada ainda a ideia de que, efetivamente, todas as falhas concebíveis na representação da sexualidade adulta se multiplicam no inconsciente infantil, alertando para o facto da ansiedade de castração suscitar fantasias acerca da perda ou do ganho de uma identidade de género, assim como da suas formas genitais e, conseqüentemente, pôr em jogo a possibilidade das mesmas poderem ser enfrentadas, pela criança, ora como intimidatórias ora como agradáveis.(9)

# Capítulo 5

## A Identidade de Género - uma perda melancólica?

No campo de estudo da identidade, o debate contemporâneo tem-se prendido bastante com as ideias de perda e luto como o “preço psíquico” a pagar pela identificação. É assim que a autora Myra Hird (atual professora na Escola de Estudos Ambientais da Universidade de Queen’s, no Canadá, e investigadora na área das Ciências Sociais) introduz o seu artigo sobre a identidade de género e a sua génese, podemos dizer, como fracasso. A importância da psicanálise e, conseqüentemente, de Sigmund Freud é inegável e, como tal, os seus conceitos são atentamente abordados.(10)

Como já vimos, o complexo de Édipo e o medo de castração são os pilares estruturais que condicionam os processos de identificação e do desejo. E autores mais recentes têm-se apoiado arduamente nas ideias do sábio austríaco acerca do luto para dizer que, como em todos os processos de identificação, a aquisição de género envolve uma perda, no sentido de que o objeto ideal não pode ser completamente incorporado no sujeito.(10)

Antes de assumir qualquer posição, é necessário conhecer a distinção entre *identificação* e *desejo*: segundo Freud, é fácil postular essa diferença, entre uma identificação com o progenitor e uma escolha desse mesmo progenitor como objeto. No primeiro caso o progenitor representa alguém que a criança gostava de ser, no segundo caso o progenitor representa alguém que a criança gostava de ter. A distinção varia, assim, consoante o vínculo se prende com o sujeito ou com o objeto do ego. (10)

A construção social do género, segundo Freud, mantém-no, assim, como uma questão de identificação e desejo. Hird argumenta que todos os géneros, e não especificamente os homossexuais ou os heterossexuais, são melancólicos, tal como qualquer restrição de prazeres provoca uma perda. Isto é, se nós somos, como Freud estabeleceu, **polimorficamente perversos**, então, durante a aquisição de género (masculino, feminino, ou outro) e de sexualidade (homossexual, heterossexual, bissexual), sofremos necessariamente esses elementos de género que possibilitam precisamente tais identificações. Sendo assim, qualquer identificação de género pressupõe igualmente um fracasso de prazeres, no sentido em que a definição de uma identidade de género restringe o seu leque.(10)

O caso do juiz Daniel Paul Schreber, nos finais do século XIX, elaborado por Freud, desperta a comprovação do argumento. Freud considerava-o um homossexual, explicando o seu caso à luz de uma reação de paranoia a uma identificação forte com o seu pai e a um medo severo de castração. Ora, nas memórias do juiz encontramos a sua identificação como mulher, o que constitui tanto um caso assertivo para uma distinção crucial entre identificação e desejo,

como também uma evidência de que o processo de identificação de gênero, seja qual for o resultado, implica perda e trauma. (10)

Partindo de narrativas transsexuais contemporâneas, o caso de transsexualismo de Schreber pode ser entendido como uma rejeição à identificação de gênero e igualmente uma resposta radical ao sistema de gênero heteronormativo contemporâneo, o qual exige a tal restrição de prazeres. (10)

## A Melancolia da individualidade

No seu trabalho “Psicologia de Grupo e a Análise do Ego” (1921), Freud descreve a identificação como a expressão mais precoce de um vínculo emocional com outra pessoa. Nesta fase, Freud vira a sua ênfase da identificação maternal para a identificação paternal - a criança masculina identifica-se positivamente com o pai, alguém que ela gostaria de ser, assim como negativamente, alguém com o qual ela compete pela conquista da sua mãe. Como tal, é enfatizado que o processo de identificação é ambivalente desde o seu início. Logo a seguir, Freud distingue identificação com um sujeito e identificação para um objeto, sendo que no primeiro caso está presente a essência da identificação e o segundo diz respeito ao desejo e escolha do objeto sexual. Desta forma, a identificação é, por isso, um processo altamente emotivo e de grande gasto energético psíquico, numa tentativa de substituir o sujeito original através da sua introjeção no ego.(10)

Ora, Freud descreve o luto como sendo uma reação de sofrimento e de perda de interesse no mundo circundante, implicando uma rejeição em substituir o objeto amado que se perdeu. Além disto, o austríaco acrescenta ainda, na sua obra “Melancolia e Luto” (1917), que mais tarde ou mais cedo o ego incorpora aspetos do objeto perdido, e que este evento é de tal forma traumático que o ego tenta manter o vínculo temporariamente, negando a realidade da perda. O princípio de realidade, porém, acaba por sobressair, e o ego inevitavelmente rende-se à premissa de que a perda é permanente. A recuperação é, então, possível graças à incorporação, pelo ego, dos aspetos do objeto amado.(10)(11)

A incorporação nunca substitui em absoluto o objeto amado, pelo que o trauma de perda nunca será completamente removido. A experiência direta do objeto difere daquela que uma identificação permite, uma vez que o objeto real está inacessível para identificação, e os rastros de memória do objeto pelo ego terão de bastar para satisfação da criança. (10)

Com efeito, a identificação é caprichosa, isto é, o objeto torna-se parte do ego e assim forma parte da construção daquilo a que chamamos caráter. Pressupõe-se assim a formação de uma identidade, sendo o caráter fruto de um histórico de incorporações. (11) (10)



## A Incorporação do Género

Ora, Freud, prossequindo em torno da identificação paternal, afirma que o processo de identificação é essencialmente masculino, sendo que faz parte crucial do complexo de Édipo, para que o rapaz adote o pai como o seu sujeito ideal - quer crescer e ser como ele, ocupando o seu lugar em toda a parte. Seria uma identidade construída com base na negociação conseguida pelo ego, e a criança aprenderia a identificar-se com (incorporar) o pai. Além disso, o género assumiria, na verdade, uma aparência de estabilidade pelo ego, mas pelo preço da melancolia. (10)

Freud distinguiu o processo de identificação em crianças e adultos. Nas crianças, o ego subdesenvolvido e indiferenciado manifesta tentativas desajeitadas de se diferenciar dos objetos, isto é, um objeto é soldado sobre o instinto. Partindo desta ideia, então a caracterização da homossexualidade e da heterossexualidade requer um nível de sofisticação que o ego não pode ter ainda atingido nesta fase. Pode, de facto, significar que estas gesticulações iniciais rumo à identificação poderão ser as mais proeminentes, precisamente devido à dependência da criança e da prioridade em atingir autonomia; no entanto, dado que o ego não está ele mesmo formado, as identificações são precárias, ambivalentes, incompletas. De facto, só na fase genital do desenvolvimento, postulada por Freud, é que se pode falar de homossexualidade ou de heterossexualidade. (10)

Convém lembrar que Freud frisou que não é o objeto em si que a criança incorpora, na sua totalidade, mas sim apenas o que o objeto representa para a mesma. Poderá ser a mama maternal o objeto de amor da criança, em vez da mama associada à mãe ou ao feminino? Poderíamos assumir que, após a perda melancólica da homossexualidade, a heterossexualidade é o atingível na identidade de género. Mas sabemos que a homossexualidade é, também, atingível, apesar de sujeita à pressão do sistema de género heteronormativo para ser convertida em heterossexualidade. (10)

E porquê cingir-nos a estas duas identidades de género? Freud, ele mesmo, falou da nossa bissexualidade inerente e de uma perversidade polimorfa, de forma a salientar a nossa identificação e desejo indiferenciados originais. Além disso, Freud reforçou que a criança indiferenciada usufrui de uma gama de prazeres difusos, os quais o sujeito aprende a limitar de acordo com as restrições socioculturais. Aqui Hird admite - será muito mais a restrição destes prazeres polimorfos que representará a melancolia da identificação do que apenas a restrição da homossexualidade ou até da homossexualidade. (10)

Ainda assim, a grande questão, continua a ser o que é que, justamente, constitui a identificação de género. Freud acabou por permanecer vago em relação ao que, para além de uma heterossexualidade ou de uma homossexualidade, uma criança pode incorporar.

Contudo, alguns teóricos pós-freudianos tendem para um raciocínio sobreposto entre identificação e desejo, e convém clarificar que a identificação com o progenitor do mesmo sexo não pressupõe um desejo de intimidade com esse progenitor. Já Freud, ele mesmo, não quis arriscar uma predição do que poderá ser a escolha do objeto sexual, baseando-se na identificação.(10)

## **O Falhanço do Gênero; O caso Schreber; Melanie Klein**

Há várias questões por responder. O que determina o que pode e o que não pode ser incorporado? Como pode ser então o gênero incorporado, se a criança não terá conhecimento quanto ao gênero nessa fase? Se o sujeito recusar a incorporação do gênero, que consequências terá na sua identidade? (10)

Será importante regressar à obra de Freud, de modo a clarificar esta dialética. E é aqui que regressamos também ao caso do juiz Paul Schreber - o célebre caso de paranoia (na verdade, de esquizofrenia paranoide) descrito detalhadamente por Freud.(10)

Graças ao livro autobiográfico do juiz alemão, Freud pôde descrever um dos seus casos de paranoia mais interessantes e completos. Schreber relata um sonho no qual ele fala do seu interesse em ser uma mulher e submeter-se ao ato da copulação, descreve Freud. Mais tarde, o juiz revela que o corpo dele estaria a decompôr-se por um motivo divino - ele estaria numa missão para redimir o mundo e devolver o estado de felicidade à humanidade. Ora, para o fazer, teria de se transformar numa mulher, e este pormenor intrigou Freud - o chamamento divino para salvar o mundo exigiria uma mudança física de sexo, ou pelo menos de gênero?(10)(12)

A preocupação da comunidade médica com Schreber era evidente, dada a sua insistência nesta transformação divina, acima de todos os restantes sintomas. Freud realçou que Schreber não quereria apenas tornar-se uma mulher, mas sim que ele teria de o fazer, por ordem das coisas. De qualquer forma, é inegável que o caso do educado e inteligente juiz, homem da classe média-superior respeitado pela comunidade psiquiátrica da época, tenha reunido tanta admiração e curiosidade. (10)(12)

Freud serve-se dos sonhos de Schreber para iniciar a interpretação da sua identificação como mulher. Para Freud, a atitude feminina que demonstrava seria em relação ao seu médico, o doutor Flechsig, o que o levou a adotar a ideia de um impulso homossexual na origem do caso. Acrescentou que os sintomas resultantes representariam as formas de negociação do ego com este impulso. (10)(12)

Portanto, Freud descreveu naquela época um caso de homossexualidade que hoje se reconhece como uma forma de transsexualismo pré-operatório (descrito anteriormente). (10)

Contudo, Freud foi sofisticado na sua abordagem a este caso - Freud nunca problematizou o caso de Schreber, numa época de constante distanciamento entre a sociedade e o “problema” da homossexualidade. Segundo as palavras do génio austríaco, todo o ser humano oscila, durante a sua vida, entre sentimentos heterossexuais e homossexuais (como que dois pólos), e qualquer frustração ou desilusão no sentido de um deles pode direcioná-lo, então, para o outro.(10)(12)

Lidando com o impulso causador, o ego de Schreber encontrou, então, compensação na sua megalomania e criou sentimentos de perseguição, particularmente dos seus médicos, enquanto que a sua fantasia feminina encontrou o seu caminho e tornou-se aceitável, diz Freud. Mais tarde, o foco constante de Schreber no sol é interpretado por Freud como uma alusão ao seu pai, pessoa com quem Schreber teria um forte vínculo e cuja morte teria deixado o juiz com um sentimento de perda intenso. Como tal, a ameaça de castração apresentada pelo pai ao filho, no complexo de Édipo, manifesta-se como uma castração literal que a transformação numa mulher ajudaria a efetivar. Em vez de resolver a ameaça de castração através do abandono da mãe como objeto desejado e da identificação com o pai, a alternativa homossexual consiste no desejo do próprio pai, bem como de ocupar a posição feminina da mãe, de forma a procurar relações com o próprio sexo.(10)(12)

Introduzamos Melanie Klein, célebre psicanalista austríaca e investigadora pós-freudiana, distinguida pela sua contribuição à psicologia infantil. Segundo Klein, pouco se sabe sobre a estrutura do ego precoce, e o ego inicial carece de coesão; por isso, há uma alternância entre a tendência à integração e a tendência à desintegração, uma divisão em fragmentos. (10)

Esta área insondável do ser, como lhe chama Klein, ansiosa por experimentar o prazer em todas as suas possibilidades polimorfos, resiste às tentativas do ego para encurtar as suas fontes de identificação e, conseqüentemente, de prazer. Klein está a par da ansiedade, frustração e sentimento de perda subjacentes ao processo de identificação e diz mesmo que, numa fase muito precoce, a criança toma consciência da realidade através das privações que esta lhe impõe, tentando então defender-se da sua existência através do repúdio. Como tal, um sinal de que a criança terá atingido uma subjetividade está na demonstração da sua capacidade para sustentar privações reais. (10)

Klein assegura ainda que estas tentativas do ego para salvar o objeto amado e restaurá-lo são fatores determinantes para todas as sublimações e para todo o desenvolvimento do ego. (10)

Entretanto, Freud estava ciente de que a contenda do ego com a resistência aos prazeres era insolúvel, tendo feito notar que um ajustamento permanente de uma necessidade instintiva não acontece, e a necessidade não desaparece - em vez disso permanece domesticada. Ou

seja, é a necessidade de um constante reajustamento pelo ego que comprova a construção precária da identidade de género e a sua possibilidade de subversão quando desestabilizada. (10)

Seguindo o raciocínio, todas as subjetividades que conferem a expressão das identificações e dos desejos (que incluiriam a homossexualidade e a heterossexualidade) constituem, na verdade, compromissos; e esta conclusão é especialmente importante, porque é um compromisso que provoca sofrimento e cria um processo de luto no indivíduo, ao ponto de um mundo interior ser criado através da negação do outro. (10)

De facto, outros teóricos ligaram a resistência inconsciente ao encerramento da identidade de género, alegando que o inconsciente revela constantemente **o falhanço da identidade**, não havendo continuidade da vida psíquica nem estabilidade da identidade sexual. Este falhanço não é para ser problematizado nem lamentado num caminho longo na direcção da normalidade; em vez disso, é algo que se repete e se revive constantemente, momento a momento, durante a história individual de cada um. Há, portanto, uma resistência à identidade no núcleo da vida psíquica. (10)

Quanto a Freud, chega à mesma conclusão: nos homens, o que é reprimido serão os impulsos instintivos femininos, e conseqüentemente um processo semelhante na mulher; a luta psíquica entre os dois sexos é a causa decisiva da repressão. (10)

Supondo que a identificação precede o desejo, então Schreber estaria a tentar recusar a perda requerida pela identificação de género. Na verdade, o próprio Freud teria sentido também um pesado alerta para a heteronormatividade naquele indivíduo, por parte do sistema sociocultural da época, com base na sua afirmação de que: “os melancólicos estão com um olho mais aberto para a verdade do que outros não melancólicos.” (10)

Schreber, na sua recusa à identificação e desvio ao desenvolvimento heterossexual, acaba por pagar um elevado preço social. É até possível que a hipótese do pai-forte de Freud esteja correta. No entanto a diferenciação entre desejo e identificação separa o caso de Schreber da homossexualidade. Na verdade, a intenção de Schreber não era um objeto amoroso do mesmo género, e não queria ser um homossexual, mas sim uma mulher. Essa será a diferença em relação a outros casos de homossexualidade analisados por Freud, dado que Schreber manifestava uma posição transsexual. (10)

## O Transsexualismo - um terceiro género?

De um ponto de vista psicanalítico mais atual, o transsexualismo será uma identificação que deu errado. A criança identifica-se especialmente com o progenitor do sexo oposto e/ou identifica-se pouco com o progenitor do mesmo sexo. Entretanto, os mecanismos socioculturais compelem os indivíduos que expressam este tipo de melancolia, de perda, trauma e precariedade (próprios da identificação de género) a identificarem-se com um género, e as mudanças a ocorrer na comunidade transsexual masculino-para-feminino refletem quer esta pressão para a identificação com um e um só género, quer uma recusa em fazê-lo. (10)

Existe uma tensão nesta comunidade de pessoas, entre aqueles que querem passar por mulheres “genitalmente corretas” e aqueles que questionam frequentemente o sistema de género. De facto, não raros são os testemunhos de quem tem a certeza de que não é um homem (masculino), mas que também não se sente uma mulher, fazendo menção em não corresponderem ao sistema de classificação de género adotado habitualmente. Neste sentido, os transsexuais não poderão ser homens ou mulheres, não por causa da sua inautenticidade, mas porque a sua identidade de género transcende quaisquer categorias de género. Chegamos também ao conceito relativamente recente de **intersexualidade** - um termo que veio substituir o hermafroditismo -, que nos leva a associá-lo ao próprio fenómeno do transsexualismo ou do transgenerismo, precisamente por negar a colocação do indivíduo no sistema binário de identidade/sexo e mostrar que a coexistência de características de ambos os sexos só vem iluminar a discussão acerca da variedade inerente ao género. (10)

Consequentemente, o transsexualismo reforça a ideia de falhanço da identidade de género: primeiro, através de uma recusa em aceitar uma correspondência entre os genitais e a identificação de género; segundo, através de atos performativos e repetidos do sexo oposto; terceiro, ao recusar o abandono da identificação com o mesmo género ou com o género oposto, requerido pela homossexualidade e pela heterossexualidade, respetivamente. Pode-se dizer que o transsexualismo é um desempenho hiperbólico do género. (10)

De facto, o que é fascinante no trabalho de Freud é que os prazeres de que fala já existem previamente à sua construção social como “sexuais”. Dada a ênfase de Freud nos prazeres polimorfos, a relutância do corpo em permitir que os seus prazeres sejam restringidos, bem como a despesa do ego no processo de identificação, haverá baixa probabilidade de que quer a heterossexualidade quer a homossexualidade sejam dadas de forma inata e expostas durante o desenvolvimento infantil.

A afirmação de que os homossexuais seriam homens que se **identificam** com homens confronta a equação heteronormativa de Freud. No entanto, homens homossexuais que **desejam** homens não se identificam com mulheres. Isto para dizer que, na homossexualidade,

o que está em jogo não será tanto a identificação, mas o desejo. Por outro lado, é a recusa em sofrer a melancolia da perda de género (quer em identificação quer em desejo) que marca a possibilidade radical do transsexualismo. (10)

Freud pensou bastante na possibilidade da força dos prazeres do corpo vencer as intenções de repressão, e isto não significará que os transsexuais serão subversivos necessariamente, apenas que eles trazem a temporalidade da identidade de género à toa. Ao mesmo tempo, a sua luta para encontrar e exprimir uma identidade de género autêntica demonstra o quão fundamental o sistema de género é e como o corpo excede esse sistema. (10)

O sujeito transsexual fragmentado desafia as ilusões fundadoras da identidade. Com efeito, estas identidades poderão ser perversões, no verdadeiro sentido freudiano de prazeres experienciados pelos nossos corpos antes da perda de prazeres imposta pelo sistema heteronormativo de género. (10)

# Conclusão

Tem-se assistido a um debate progressivamente maior no que toca à atribuição de género à criança. A crescente mediatização dos casos de transsexualismo e de transgenerismo, mas também de intersexualidade, traz à superfície o carácter aprendido e culturalmente marcado da identidade de género, mantendo, ao mesmo tempo, uma conexão íntima com as relações incestuosas que a criança estabelece nos primeiros anos de vida, durante o período edípico defendido por Freud.

Sexo e género estarão sempre relacionados, mas nem sempre é linear a sua relação - isto é, o género não deve ser, ou não deveria ser, inferido imediatamente a partir do sexo da criança. Vejamos, como exemplo atual desta dialética, uma notícia publicada no jornal Público, a 3 de Abril deste ano, "E se só revelar o sexo do seu filho aos cinco anos?", onde é discutido, essencialmente, o estado erróneo da categorização da identidade e do papel de género, a propósito da escassez, no mercado, de brinquedos "livres de género". Este facto é preocupante, dado que os estereótipos de género, que na década de setenta se atenuaram, estão a reaparecer, assim como os mecanismos de marcação de género que existiam no início do século. No mesmo artigo, é mencionado o "fosso do corredor azul e rosa", ou seja, uma repartição *a priori* dos papéis de género, e é defendido um retorno ao debate de género que existiu nos anos setenta - um recuo aos debates do passado. (18)

Da mesma forma, o próprio título do artigo supramencionado desafia a ideia de que o sexo atribuído à criança (ou o género) deveria ser feito o mais cedo possível, a seguir ao nascimento, sendo que a existência de uma data limite para o fazer (entre os dezoito e os vinte e quatro meses) pressupunha igualmente uma certeza por parte dos pais em relação à decisão final de atribuição e educação. Ora, o título do artigo, ao questionar a possibilidade dessa atribuição ou revelação ser feita apenas aos cinco anos de idade, apoia também a noção de que só após uma eventual passagem edípica é que a noção de identidade de género da criança estaria formada e que, por conseguinte, uma atribuição precipitada do sexo e do género pode condicionar a construção dessa identidade e, como vimos anteriormente, contradizê-la, gerando uma ansiedade de inadaptação da criança ao próprio sexo e ao género desde logo atribuídos.(13) (18)

Este diálogo tão atual encontra sentido no que já foi referido - as ideias de Freud têm lugar efetivo na cultura ocidental, e muitos dos seus geniais conceitos jamais serão, provavelmente, ultrapassados. É sabido ainda que a própria Neurologia parece corroborar Freud em várias das suas postulações; veja-se o exemplo da admiração de Gerald Edelman, Nobel da Medicina em 1972, com a sua obra dedicada ao génio austríaco "Bright Air, Brilliant Fire - On the Matter of the Mind" (1992), na qual o neurobiólogo afirma a ampla evidência

que os estudos de Freud deixaram, assegurando mesmo que as suas teses básicas sobre o inconsciente estão corretas.(14)

Margarethe Walter, a última paciente viva de Freud, afirmou em 2006 que o homem velho e um pouco encurvado, mas cheio de força, fora a chave da sua vida. Segundo confessou, nesse ano, a escultora vienense a um semanário alemão, o médico austríaco, já na sua fase final de vida, e exilado em Londres em 1936, abordou Margareth como ninguém o tivera feito antes. (17)

A paciente era uma mulher que vivia com o pai, alegadamente oprimida e completamente dependente do progenitor, a quem via como uma figura radicalmente autoritária. Freud, numa das suas sessões com Margarethe, terá pronunciado as seguintes palavras, bem impressas na mente da protagonista:

**"Para se chegar a adulto é preciso atender aos desejos, alimentar a contradição, colocar a questão do 'porquê', não aceitar tudo em silêncio". (Freud, 1936) (17)**

Margarethe não conta exatamente de que forma seguiu, durante o resto da sua vida, o conselho de Freud, mas não creio que precise de o fazer. (17)

Escolhi lembrar esta memória de Margarethe de forma a apresentar a natureza naturalmente questionável, mas imortal, de tudo o que apresentei nesta dissertação. Neste questionamento, de que fala Freud em 1936, não deverá estar sempre presente uma expectativa de resposta, ou o processo de investigação tornar-se-ia impossível de levar à frente. Freud, aliás como disse também o psicanalista e psiquiatra português António Coimbra de Matos, não criou uma doutrina, uma ideologia que nasce para ser repetida e seguida de olhos vendados, mas é incontornável a monstruosidade brilhante das suas ideias. De facto, terá sido dos poucos cientistas na área da Psicologia, no sentido prático do termo. Ao génio da psicanálise coube um rasgar científico talvez maior do que o próprio Homem, e a sua obra, eterna como se testemunha, desafia-nos, ainda hoje, a nela encontrarmos novos tesouros, ou novas aplicações de conceitos omnipresentes.

A grande razão da escrita desta dissertação autodenominar-se-á como uma visão psicanalítica da identidade de género, e ao mesmo tempo uma afirmação da atualidade e sinceridade científicas de Freud e da psicanálise - não o seu renascimento, mas a sua imutável importância na compreensão da mente humana e da construção da identidade pela criança.

Vejamos - se as ideias do vienense ainda dividem os nossos contemporâneos, será apenas um sinal da sua capacidade revolucionária de pensamento, e é sempre no Presente que os génios se revelam.



# Bibliografia

1. Laplanche J. Novos Fundamentos Para A Psicanálise. Viseu: Edições 70;1988.
2. Macinnes J. O Fim da Masculinidade. Porto: AMBAR; 2002. 123-195 p.
3. Freud S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). Rio de Janeiro: Imago; 1976. 123-246 p.
4. Capellá A. Sexualidades Humanas, Amor e Loucura. 1ª ed. Lisboa: Editores C; 2003. 44-98 p.
5. Freud S. A Interpretação dos Sonhos. Lisboa: Relógio d'Água; 2009.
6. Heller S. Freud, A to Z. PhD Proposal; 2005.
7. Freud S. A dissolução do complexo de Édipo. Rio de Janeiro: Imago; 1975; vol. XIX(4):215-26.
8. Freud S. The Infantile Genital Organization (An Interpolation into the Theory of Sexuality). Stand Ed vol 19. 1923;139-46.
9. Parfitt, A. 'FETISHISM, TRANSGENDERISM AND THE CONCEPT OF CASTRATION'. Psychoanalytic Psychotherapy. 2007 Mar 19; 21:1, 61-89.
10. Hird MJ. Unidentified Pleasures: Gender Identity and its Failure. Body & Society. 2002 Jun; 8(2):39-54.
11. Freud S. Luto e melancolia, 1917 [1915]. Rio de Janeiro: Imago; 1996. 243-263 p.
12. Freud S. O Caso Schreber - Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia. Rio de Janeiro: Imago; 1911. 21-47 p.
13. Gomes FA. Paixão, Amor e Sexo. Lisboa: Quixote D.; 2004. 145 p.
14. Edelman G. Bright Air, Brilliant Fire - On the Matter of the Mind. London: Penguin; 1992. 145 p.
15. Jung CG. Estudos Sobre Psicologia Analítica. Rio de Janeiro: Vozes; 1925.
16. Nagoshi JL, Nagoshi CT, Brzuzny S. Gender and Sexual Identity. New York: Springer; 2014. 107-125 p.

17. “Freud salvou-me”, recorda a última paciente viva do pai da psicanálise [Internet]. Diário de Notícias; 30 Abr 2006.

Disponível em:

<http://www.dn.pt/arquivo/2006/interior/freud-salvoume-recorda-a-ultima-paciente-viva-do-pai-da-psicanalise-639761.html>

18. Henriques, F.G. E se só revelar o sexo do seu filho aos cinco anos? [Internet]. Público; 3 Abr 2016.

Disponível em:

<https://www.publico.pt/sociedade/noticia/a-barbie-no-mundo-politicamente-correcto-1727380>